



---

HENRIQUE BARROSO

**Por que razão são as línguas naturais humanas  
sistemas sígnicos distintos?**

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA • 1996

HENRIQUE BARROSO  
*Universidade do Minho*

## POR QUE RAZÃO SÃO AS LÍNGUAS NATURAIS HUMANAS SISTEMAS SÍGNICOS DISTINTOS?

0. Comparados com os demais, as línguas naturais humanas — manifestações singulares e concretas da linguagem, de que o português, o francês, o alemão, o russo, o chinês (melhor: as línguas da China), o húngaro, o esquimó, o tétum são apenas alguns exemplos — representam, de longe e (diríamos até) em absoluto, os sistemas sígnicos (ou sistemas de significação) por excelência.

Esse privilégio está, obviamente, na natureza dos sinais utilizados e respectiva organização/articulação. Os **signos linguísticos** (os sinais usados pelas línguas naturais humanas), rigorosamente, já são o resultado da combinação/articulação de sinais duplos, a saber: de “sinais instrumentais”, os **significantes**, e de “sinais formais”, os **significados**.<sup>1</sup> Uns não existem sem os outros. Ou melhor ainda: uns existem em função dos outros e ambos existem em função do signo (linguístico). Portanto, percebe-se que é nesta solidariedade linguística (a função de significar) que as línguas naturais humanas se organizam e funcionam, destacando-se ao mesmo tempo de qualquer outro sistema de comunicação/significação.

Por essa razão, é nosso objectivo reflectirmos aqui um pouco sobre a arquitectura interna do duplo plano (**expressão e conteúdo**)<sup>2</sup> de articulação, presente em todas as línguas até agora descritas; sobre a diferente “arrumação” do “real”, efectivamente realizada pelas línguas; e, por fim, sobre a “constituição” de qualquer unidade sígnica (ou unidade de significação), ou seja, sobre a **forma**, a **substância** e o **sentido** tanto da **expressão** como do **conteúdo**. Estas reflexões são devidamente ilustradas por exemplos — comentados com o rigor e a objectividade possíveis — não só do português (a nossa língua materna) mas, porque também é necessário, de outras.

---

<sup>1</sup> Sobre “sinais instrumentais” e “sinais formais” e “significantes” e “significados”, vide CARVALHO, J. G. Herculano de (1979: vol. I, cap. 7, § 11-14, p. 108-115 e cap. 8, § 1-17, p. 151-182, respectivamente).

<sup>2</sup> Terminologia de HJELMSLEV, L. (1980: cap. XIII, p. 73-89). Àqueles termos correspondem, respectivamente, em MARTINET, A. (1982: 13-21; 1985: 18-25), **segunda articulação** e **primeira articulação** e, em CARVALHO, J. G. Herculano de (1979: vol. II, cap. 14, § 10-16, p. 417-425), **plano fónico** e **plano significativo**.

1. A **primeira articulação** combina **monemas** (unidades significativas mínimas) e **sintemas** (unidades significativas que a comutação revela como resultantes da combinação de vários signos mínimos, mas que se comportam em relação aos outros monemas da cadeia como monemas únicos) para formar unidades significativas mais extensas e que, ao contrário das primeiras – que o não são –, sejam livres, isto é, possam ocorrer isoladamente no discurso. Ou melhor ainda: que, no caso de o necessarmos, estejam prontas a serem usadas na actualização concreta. Essas unidades significativas, com essas propriedades, são aquelas que vulgarmente são conhecidas pela designação de **palavras** [sejam elas ‘simples’ (do tipo *mar*, *casa*, etc.), ‘derivadas’ (do tipo *calmamente*, *caseiro*, *envelhecer*, etc.) ou ‘compostas’ (do tipo *fim-de-semana*, *sala de jantar*, etc.)]. Por fim (lembremo-lo mui sinopticamente), para além das relações entre os monemas, existem outras: as denominadas **funções sintácticas** (ou seja: tipos de relações que podem aparecer nas línguas) que, tal como aquelas (monemas e sintemas), também são unidades significativas.<sup>3</sup>

Por seu turno, a **segunda articulação** combina **fonemas** (unidades distintivas, mínimas e sucessivas) para formar todos os significantes linguísticos portadores de significação (os significantes de monemas, sintemas, etc.).

Esta propriedade da linguagem humana (não há língua conhecida que a não manifeste) representa uma hipercodificação e, por consequência, uma economia inigualáveis: com uns milhares (= dezenas de milhar) de **monemas**, construímos os milhares ou milhões de **palavras** que constituem o **léxico** de uma língua (materializado este não só nas entradas de um dicionário mas também em todos os outros significantes que representam variações formais – determinadas por razões gramaticais – daquelas: isto, no que diz respeito à **primeira articulação**); com umas dezenas (mais ou menos entre as 20 e as 50/ 60 unidades)<sup>4</sup> de **fonemas**, construímos não só os milhares de significantes de **monemas** como também – o que é óbvio –, os milhares ou milhões de **palavras** de uma língua: isto, no que diz respeito à **segunda articulação**.

Por outras palavras, isto significa que, com apenas uns milhares de **monemas** e umas dezenas de **fonemas**, conseguimos comunicar/

<sup>3</sup> Para mais pormenores, vide MARTINET, A. (1987: 242-274) e MARÇALO, M.<sup>a</sup> J. B. M. (1992: 67-102).

<sup>4</sup> Em português são 29, assim distribuídas: 19 + 2 consoantes e 8 vogais.

/significar toda a experiência humana. Ao invés, os outros sistemas de significação (o código da estrada, apesar de tudo, já consegue comunicar umas centenas de mensagens), ficam mesmo muitíssimo aquém das capacidades de codificação manifestadas pelas línguas naturais humanas.

1.1. Concretizemos, através de exemplos, o funcionamento da primeira articulação, atentando, primeiro, neste diagrama:

A	B	
	B'	B''
MES-/mez/	<b>-ão</b>	-a
CARR-/kaĩ/	<b>-inh-</b>	-o
LIVR-/livR/	<b>-ad-</b>	-e
CAS-/kaz/	<b>-eir-</b>	

**Diagrama 1:** Exemplificação do funcionamento da 1.ª articulação

Os significantes do tipo A constituem o paradigma dos **monemas lexicais** (ou seja, os monemas portadores das significações objectivas); os do tipo B formam o paradigma dos **monemas gramaticais** (isto é, os monemas portadores das significações gramaticais): os do tipo B' são **afixos derivativos** ou **derivacionais** (os responsáveis pelo aparecimento de significantes com temas novos) e os do tipo B'' são **actualizadores léxicos** (os responsáveis pela actualização dos significados virtuais contidos naqueles – **monemas lexicais** e **afixos derivacionais** –, também eles, antes de aparecerem no eixo sintagmático, unidades significativas virtuais.

Com 11 unidades (4 do tipo A + 4 do tipo B' + 3 do tipo B'') é possível, de acordo com as regras de formação de palavras por sufixação, ditadas pelo sistema/esquema da língua portuguesa da actualidade, construir pelo menos as seguintes unidades significativas livres (31):

a) MES-a, MES-ão, MES-inh-a, MES-ad-a;

b) CARR-o, CARR-ão, CARR-inh-a, CARR-inh-o, CARR-ad-a, CARR-ad-o, CARR-eir-a, CARR-eir-o, CARR-eir-ão, CARR-eir-inh-o;

c) LIVR-*e*, LIVR-*o*, LIVR-*inh-o*, LIVR-*eir-o*, LIVR-*ão*;

d) CAS-*a*, CAS-*o*, CAS-*ão*, CAS-*inh-a*, CAS-*inh-o*, CAS-*ad-a*, CAS-*ad-o*, CAS-*eir-o*, CAS-*eir-a*, CAS-*eir-inh-o*, CAS-*eir-inh-a*, CAS-*eir-ão*.

1.2. E agora visualizemos, também através de exemplos (primeiro, num diagrama e, depois, numa explicação mais detalhada), a dinâmica funcional da segunda articulação:

<i>c</i>	<i>b</i>	<i>a</i>	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>C</i>	<i>D</i>
			/P <u>atu</u> /		/pa <u>t</u> u/	/pat <u>u</u> /
			/b <u>atu</u> /		/pa <u>p</u> u/	/pat <u>a</u> /
/R <u>a</u> t <u>u</u> /	/Ra <u>t</u> u/	/R <u>a</u> tu/	/R <u>a</u> tu/		/pa <u>g</u> u/	
/R <u>a</u> t <u>a</u> /	/Ra <u>p</u> u/	/R <u>e</u> tu/	/f <u>atu</u> /		/pa <u>s</u> u/	
	/Ra <u>b</u> u/	/R <u>i</u> tu/	/ʒ <u>atu</u> /			
	/Ra <u>f</u> u/	/R <u>o</u> tu/	/m <u>atu</u> /	/m <u>a</u> tu/	/ma <u>t</u> u/	/mat <u>u</u> /
	/Ra <u>z</u> u/		/n <u>atu</u> /	/m <u>e</u> tu/	/ma <u>r</u> u/	/mat <u>a</u> /
	/Ra <u>ʒ</u> u/		/k <u>atu</u> /	/m <u>i</u> tu/	/ma <u>ʒ</u> u/	/mat <u>e</u> /
	/Ra <u>ʃ</u> u/		/g <u>atu</u> /	/m <u>ɔ</u> tu/	/ma <u>g</u> u/	
	/Ra <u>l</u> u/		/t <u>atu</u> /		/ma <u>ʃ</u> u/	
	/Ra <u>ʎ</u> u/		/d <u>atu</u> /		/ma <u>ʎ</u> u/	
	/Ra <u>r</u> u/		/f <u>atu</u> /			
			/l <u>atu</u> /			
	RE <u>ʎ</u> u/ <sup>5</sup>					
	/R <u>o</u> m <u>u</u> /					

Diagrama 2: Exemplificação do funcionamento da 2.<sup>a</sup> articulação

Em *A* – o paradigma dos fonemas consonânticos em posição inicial de sílaba, mais precisamente: em posição inicial de unidade

<sup>5</sup> A realização “normal” deste significante é [rɐɲu]. /E/ significa que, em sílaba acentuada aberta seguida de /ɲ/ (“palatal”) heterossilábica, as oposições /e/ ≠ /e/ ≠ /a/ não funcionam. Trata-se de uma neutralização ao mesmo tempo de “localização” e de “abertura”.

acentual (= palavra) –, vemos como e quantos significantes do português actual se podem obter no contexto fonológico /'...atu/ (ortograficamente, temos catorze: *pato, bato, rato, chato, jacto, mato, nato, cacto* e *cato, gato, tacto, dato, fato* e *lato*).

Do mesmo modo, em *B* e *a* – o paradigma dos fonemas vocálicos em sílaba acentuada –, temos, no contexto fonológico /'m...tu/, quatro significantes (ortograficamente, *mato, meto, mito* e *moto*) e, no contexto fonológico /'R...tu/, outros quatro (*rato, recto, rito* e *roto*), respectivamente; em *C* e *b* – o paradigma dos fonemas consonânticos em posição inicial de sílaba, mais precisamente: em posição intervocálica –, temos, nos contextos fonológicos /'pa...u/, /'ma...u/ e /'Ra...u/, cinco (ortograficamente, *pato, papo, pago, passo* e *paço*), seis (*mato, marro, malho, mago, macho* e *maço*) e doze significantes (*rato, rapo, rabo, rafo, raso, rajo, racho, ralo, ralho, raro* e *ranho* e *ramo* – estes dois últimos com /a/, em vez de /a/ –), respectivamente; e, finalmente, em *D* e *c* – o paradigma dos fonemas vocálicos em sílaba não acentuada, mais precisamente: sílaba pós-acentuada final aberta –, temos, nos contextos fonológicos /'pat.../, /'mat.../ e /'Rat.../, dois (*pato* e *pata*), três (*mato, mata* e *mate*) e dois significantes (*rato* e *rata*), também respectivamente.

Como bem se viu, tanto as unidades de **expressão** como as de **conteúdo** funcionam por oposição, no eixo paradigmático, e por contraste, no eixo sintagmático. Por outras palavras: fazemos a selecção de uma determinada unidade no eixo paradigmático e actualizamo-la no eixo sintagmático.

2. Cada língua faz um corte (fr. *découpage*) próprio/ peculiar da realidade (real ou irreal, ou puramente mental) e (en)forma-a, ou seja, dá-lhe uma “forma” particular. Isto significa que uma língua representa uma análise *sui generis* da realidade/experiência humana ou, em termos técnicos, mais rigorosos: quer o sentido da expressão quer o sentido do conteúdo (con/en)formam-se [ou podem (con/en)formar-se] de maneira diferente nas diversas línguas do mundo (cada língua possui as suas próprias funções).

2.1. Assim, por exemplo, na zona de sentido de /i/<sup>6</sup> (um exemplo do campo fónico), o húngaro organiza quatro (4) unidades

---

<sup>6</sup> **Sentido** é aqui tomado em termos hjelmslevianos. Vide, por isso (e para que não haja equívocos entre as várias acepções de **sentido**), *infra*, 3., 2.º parágrafo.

(/i/, i̯/, /y/ e /y̯/) são todos ‘anteriores’ ou ‘palatais’: os dois primeiros são ‘deslabializados’ e os dois últimos ‘labializados’; o primeiro de cada série é ‘breve’ e o segundo é ‘longo’) e o português apenas uma (/i/), que se opõe a outras de outra(s) natureza(s) – tal como o húngaro –, mas não a (possíveis/ eventuais) unidades da mesma natureza (como faz o húngaro).

Ainda (outro exemplo do campo fónico), comparando as duas línguas nacionais peninsulares (português e castelhano), verificamos que, na zona de sentido que vai de /i/ a /a/, o castelhano apenas organiza três unidades (*caso/ queso/ quiso*: /a, e, i/) contra quatro do português (*vala/ vela/ vê-la/ vila*: /a, ε, e, i/), ou seja: em castelhano, /i/ e /e/ opõem-se a /a/ por serem “anteriores” (os primeiros) e “central” (o último); e /i/ opõe-se a /e/ por ser “fechado” (o primeiro) e “não fechado” (o último); em português, por seu turno, /a/ opõe-se a /ε, e, i/ por ser “central” (o primeiro) e “anteriores” (os últimos). /ε/, /e/ e /i/ opõem-se por serem “aberto”, “de abertura intermédia” e “fechado”, respectivamente.

**2.2.** A categoria gramatical género (exemplo do campo significativo: gramática) conhece em português duas subcategorias (ou classes) [em francês também, mas não há equivalência na “arrumação” (cf. exemplos, *infra*): o masculino e o feminino: exs.: *o* e *a*; *le* e *la*. Por seu turno, o alemão distingue, não duas, mas três subcategorias: o masculino, o feminino e o neutro: exs.: *der*, *die* e *das*.

Exs.:

<i>a</i> faca	<i>le</i> couteau	<i>das</i> Messer
<i>o</i> garfo	<i>la</i> fourchette	<i>die</i> Gabel
<i>a</i> colher	<i>la</i> cuiller(ère)	<i>der</i> Löffel

**2.3.** Vejamos, por fim, um outro exemplo do campo significativo mas, desta vez, da área lexical: ao significante dinamarquês *træ* correspondem, em alemão, *Baum* e ainda *Holz*; em francês, *arbre* e ainda *bois*; em português, *árvore*, *madeira* e ainda *lenha*. Por sua vez, a *skov*, dinamarquês, podem corresponder, em alemão, *Wald* e *Holz*; em francês, *forêt* e *bois*; em português,

*floresta*, *bosque* e *lenha*, e ainda *madeira*. Observemos agora o diagrama<sup>7</sup> *infra* que ilustra o que acabámos de dizer:

Dinamarquês	Alemão	Francês	Português
Træ	Baum	arbre	árvore
	Holz	bois	madeira
lenha			
skov		Wald	forêt
	floresta		

**Diagrama 3:** Representação *sui generis* do mesmo *sentido do conteúdo*:  
4 (quatro) línguas em confronto

Isto quer ainda significar que, na zona de sentido que vai de *árvore* a *floresta*, o português organiza-a em cinco “compartimentos” (*árvore*, *madeira*, *lenha*, *bosque* e *floresta*); o francês, diferentemente, em três (*arbre*, *bois* e *forêt*); o alemão igualmente em três, mas também diferentemente organizadas (*Baum*, *Holz* e *Wald*); e, por fim, o dinamarquês em apenas duas (*træ* e *skov*). Esta situação, como é evidente, vai gerar bastantes – e, por vezes, complicados – problemas de tradução.

3. Toda e qualquer unidade significativa de uma qualquer língua se deixa analisar em **forma**, **substância** e **sentido da expressão e forma**, **substância** e **sentido do conteúdo**: partes intervenientes – e de modo absoluto – na função de signo: a função por excelência de qualquer sistema linguístico.

O **sentido**, quer da **expressão** quer do **conteúdo**, é o que há de comum a todas as línguas do mundo. Só tem existência real, quando lhe corresponde uma **substância** (metida esta, como não podia deixar de ser, numa **forma** – com [ç] e [o]). Por isso, o **sentido** continua a

<sup>7</sup> Este diagrama foi alargado por nós com os exemplos relativos ao português. O esquema primitivo (que compreende, por conseguinte, os exemplos do dinamarquês, do alemão e do francês) encontra-se em HJELMSLEV, L. (1980: 81).

existir enquanto possibilidade infinita de que todas as línguas se podem servir. Porém – e repetimo-lo –, só tem existência real quando for **substância** de uma **forma** e à medida que se for actualizando e opondo aos textos, períodos, frases, palavras – e partes destes – de cada uma das línguas particulares.

**3.1.** Exemplifiquemos agora, com uma unidade significativa do português, o que se acabou de expor:

E X P R E S S Ã O	<p>3. <b>Sentido:</b> [ˈkazu] e todos os [k], [a], [z] e [ʒ] existentes em todas as línguas do mundo e os que ainda nunca foram (con/en)formados (não têm por isso existência real), permanecendo, por consequência, enquanto matéria amorfa, isto é, <i>continuum</i> não organizado.</p> <p>2. <b>Substância:</b> [ˈkaza]: [k]: som consonântico, oclusivo, dorsovelar, surdo, oral; [a]: som vocálico, central, aberto, oral, (sonoro), acentuado; [z]: som consonântico, contínuo, fricativo, alveodental, sonoro, oral; [ʒ] som vocálico, central, fechado, oral, (sonoro), não acentuado.</p> <p>1. <b>Forma:</b> /ˈkaza/: /ˈka-/: sílaba acentuada, constituída pelos fonemas “dorsovelar surdo” (/k/) e “central aberto” (/a/); /-za/: sílaba não acentuada, constituída pelos fonemas “sibilante sonoro” (/z/) e “central” (/a/).</p>
<b>“C A S A”</b>	
C O N T E Ú D O	<p>1. <b>Forma:</b> {kaz-}: monema lexical {-a}: monema gramatical “substantivo comum”, “feminino”, “singular”</p> <p>2. <b>Substância:</b> todos os conceitos con/enformados nas categorias de significação objectiva e/ou gramatical que caracterizam, individualizando, o significante ortografado <b>casa</b> e cada um dos seus dois constituintes: {kaz-}: “habitação, etc.”{-a}: “afixo actualizador léxico”.</p> <p>3. <b>Sentido:</b> tudo o que corresponde à <i>substância</i> daquela(s) <i>forma(s)</i> deste(s) mesmo(s) <i>conteúdo(s)</i>, ou seja, tudo o que está <i>in praesentia</i> em {casa} e também <i>in absentia</i> (mas <i>in praesentia</i> em outras actualizações/ situações/ contextos, na nossa língua) e ainda tudo o que está <i>in praesentia</i> e/ ou <i>in absentia</i> em todas as outras línguas do mundo.</p>

**Diagrama 4:** Constituição do *signo casa*

3.2. Este diagrama<sup>8</sup> mostra-nos/ diz-nos ainda, e com toda a clareza, qual é exactamente o objecto de estudo de cada uma das diversas disciplinas linguísticas, e que podemos esquematizar do seguinte modo:

DISCIPLINA LINGUÍSTICA	OBJECTO DE ESTUDO
<b>Fonologia</b>	<i>forma da expressão</i>
<b>Fonética</b>	<i>substância da expressão</i>
<b>Fonética Geral</b> (incluindo a Articulatória, a Acústica, a Auditiva e a Perceptiva)	<i>sentido da expressão</i>
<b>Gramática</b> (que compreende a <b>Morfologia</b> e a <b>Sintaxe</b> ); <b>Lexicologia</b> ; <b>Axiologia</b>	<i>forma do conteúdo</i>
<b>Semântica</b>	<i>substância do conteúdo</i>
<b>Semântica Geral</b> (incluindo a Pragmática, etc.)	<i>sentido do conteúdo</i>

**Diagrama 5:** Relação ‘disciplina linguística’/ ‘objecto de estudo’

<sup>8</sup> ECO, U. (1984: 19) apresenta um esquema semelhante a este nosso. A diferença está em que, no nosso (seguindo o pensamento e a terminologia hjelmslevianos), se separa nitidamente entre *forma*, *substância* e *sentido* da **expressão** e *forma*, *substância* e *sentido* do **conteúdo** e, no de Eco, apenas se distingue *forma* e *substância* da **expressão** e *forma* e *substância* do **conteúdo**, apresentando-se um *continuum* comum a ambos. No fundo, vem a dar no mesmo. Em todo o caso, há esta pequena *nuance*.

Uma outra diferença reside no facto de nós apresentarmos um exemplo do português devidamente descrito, ao passo que Eco nos dá um esquema despido, pura abstracção.

4. Disse-se que, de acordo com as suas próprias funções, as línguas representam análises particulares da linguagem. Também se disse que todas as línguas conhecidas se deixam analisar em expressão e conteúdo e respectivo(s) funcionamento(s). Agora é chegado o momento de se dizer que, se na maior parte dos casos (dentro de uma mesma língua), a “um” sentido de expressão corresponde “um” sentido de conteúdo, outros casos há em que a “um mesmo” sentido de expressão correspondem “dois ou mais” sentidos de conteúdo e a “um mesmo” sentido de conteúdo correspondem “dois ou mais” sentidos de expressão. Isto é mais flagrante, como é inteligível, quando se passa de um sistema linguístico para outro(s) sistema(s) linguístico(s). Vejamos, pois, alguns exemplos que ilustram as situações referidas:

#### 4.1. De uma língua para outra(s) língua(s): exemplos

4.1.1. Um mesmo sentido de expressão, mas diferentes sentidos de conteúdo:

inglês:	<i>got</i>	“obtido” <sup>9</sup> (part. passado de <i>to get</i> )
alemão:	<i>Gott</i>	“Deus”
dinamarquês:	<i>godt</i>	“bem”

Dito de outra maneira: [gɔt], representado graficamente de maneira diversa nestas três línguas, significa (ou aponta para os significados de), respectivamente (agora, para que se torne mais evidente, na nossa língua – caso não conheçamos estas –), “obter” (verbo), “Deus” (nome próprio) e “bem” (advérbio)<sup>10</sup>.

4.1.2. Um mesmo sentido de conteúdo, mas diferentes sentidos de expressão:

português:	“não sei” <sup>11</sup>
francês:	<i>Je ne sais pas</i>
inglês:	<i>I do not know</i>
alemão:	<i>Ich weiß (es) nicht</i>
dinamarquês:	<i>Jeg véd det ikke</i>
esquimó:	<i>Naluvava</i> (lit.: “Não-conhecendo-estou-eu-o”).

<sup>9</sup> “...” é o símbolo usado para nos informar que se trata de **significados** (lexicais e/ou gramaticais).

<sup>10</sup> Exemplos apontados por HJELMSLEV, L. (1980: 84).

<sup>11</sup> Com excepção dos exemplos do português e do alemão (nossos), os restantes são de HJELMSLEV, L. (1980: 77).

Podemos ver ainda, nestes exemplos, o modo como cada língua dá forma/ expressa o(s) mesmo(s) conteúdo(s): o português é a língua que o faz mais economicamente (só dois significantes) e nesta ordem: negação (*não*) + forma verbal (presente do indicativo 1.<sup>a</sup> pessoa singular: *sei*); em francês, temos: forma do pronome pessoal de 1.<sup>a</sup> pessoa singular/ sujeito (*je*) + a primeira parte do monema descontínuo que expressa ‘negação’ (*ne...*) + forma verbal (no presente do indicativo) + última parte do monema descontínuo que expressa ‘negação’ (*pas...*); em inglês: forma do pronome pessoal de 1.<sup>a</sup> pessoa singular/ sujeito (*I*) + verbo auxiliar (*do*) + negação (*not*) + verbo principal (*know*); em alemão: forma do pronome pessoal 1.<sup>a</sup> pessoa singular/ nominativo + forma verbal (no presente indicativo: *weiß*) + complemento expresso pela forma pronominal *es* (às vezes, pode estar ausente) + negação (*nicht*); em dinamarquês, observa-se a mesma estrutura do alemão; finalmente, em esquimó (língua do tipo incorporante<sup>12</sup>), temos um verbo derivado de *nalo* (“ignorância”) + sufixo correspondente ao sujeito na 1.<sup>a</sup> pessoa + complemento de 3.<sup>a</sup> pessoa.

#### 4.2. Dentro de uma mesma língua: exemplos do português

##### 4.2.1. Um mesmo sentido de expressão para dois (ou mais) sentidos de conteúdo:

- |                                      |                                  |
|--------------------------------------|----------------------------------|
| a) <u>casa</u> : /'kaza/, ['kazɐ]    | 1. “habitação”                   |
|                                      | 2. “casar”                       |
| b) <u>canto</u> : /'kANtu/, ['kẽtu]: | 1. “cantar”                      |
|                                      | 2. “esquina/ ângulo”             |
|                                      | 3. “cantiga/ composição poética” |

##### 4.2.2. Um mesmo sentido de conteúdo para dois (ou mais) sentidos de expressão:

- |                                          |                                 |
|------------------------------------------|---------------------------------|
| a) “pretérito imperfeito do indicativo”: | 1. /'-va/, ['-vɐ]               |
|                                          | 2. /'ia/, ['iɐ]                 |
| b) “superlativo absoluto”:               | 1. muito + adjetivo             |
|                                          | 2. tema adjectival + íssimo/a/s |

<sup>12</sup> É um tipo de línguas que se diferencia das do tipo **aglutinante** (o húngaro, por exemplo) porque se trata, em sentido próprio, de línguas em que os argumentos se incorporam ao predicado, sem que isso signifique que os argumentos sejam necessariamente “palavras”.

c) "2.<sup>a</sup> pessoa singular"

1. -s
2. -ste
3. Ø

5. Estamos no termo deste percurso reflexivo. Como se viu, foi nossa exclusiva preocupação/ tarefa desmontar – para compreender o seu cabal funcionamento – as peças que, tão ordeira, espectacular e fenomenalmente, dão consistência à propriedade das propriedades (a sua **dupla articulação**) dos sistemas sígnicos que as línguas naturais humanas exemplarmente representam, distinguindo-os, por consequência, de todos os outros. Esta articulação de **expressão** e de **conteúdo** é, com certeza, o mais universal dos universais linguísticos. Pelo menos nenhuma língua descrita até hoje invalidou este princípio organizativo da linguagem humana. Pelo contrário: tem-no constantemente confirmado.

## 6. Referências bibliográficas

CARVALHO, José G. HERCULANO de

(1979) *Teoria da Linguagem* (vols. I e II). Coimbra, Atlântida Editora.

(1984) «Plan phonique et plan significatif, Phonétique et Phonologie. Les fondements de la distinction», in *Idem, Estudos Linguísticos* (2.<sup>o</sup> vol.). Coimbra, Coimbra Editora, p. 191-196.

CORNEILLE, Jean-Pierre

(1982) *A Linguística Estrutural: seu alcance e seus limites* (trad. port. por Fernanda Dantas Ferreira de *La Linguistique Structurale – sa portée, ses limites*. Paris: Librairie Larousse, 1976). Coimbra, Livraria Almedina (p. 181-299, fundamentalmente).

COSERIU, Eugenio

(1979) «Forma e substância nos sons da linguagem», in *Idem, Teoria da Linguagem e Lingüística Geral* (trad. port. por Agostinho Dias Carneiro de *Teoría del Lenguaje y Lingüística General*). Rio de Janeiro, Presença Edições, p. 87-173.

ECO, Umberto

(1981) *O Signo* (trad. port. por Maria de Fátima Marinho de *Segno*. Milano: Istituto Editoriale Internazionale, 1973). Lisboa, Editorial Presença, Lda. (especialmente o cap. "3. A estrutura dos signos linguísticos", p. 69-96).

(1984) *Conceito de Texto* (trad. bras. por Carla de Queiroz). São Paulo, T. A. Queiroz, Editor, Ltda (fundamentalmente o cap. 1: «O signo. A função sígnica», p. 1-24).

HJELMSLEV, Louis

(<sup>2</sup>1980) *Prolegómenos a una Teoría del Lenguaje* (trad. cast. por José Luis Díaz de Liaño de *Omkring Sprogteoriens Grundlæggelse*). Biblioteca Románica Hispánica. Madrid, Editorial Gredos (1.<sup>a</sup> reimpressão).

MAHMOUDIAN, Mortéza

(1983) *A Linguística Hoje* (trad. port. por Maria do Céu Ferreira Tarouca da Silva de *La Linguistique* – précédé de *La Linguistique aujourd'hui*, par G. Mounin –. Paris: éditions Seghers, 1982). Lisboa, Edições 70, Coleção Signos n.º 39 (cap. "3. Línguas e sistemas semiológicos").

MARÇALO, Maria João B. M.

(1992) *Introdução à Linguística Funcional*. Lisboa, Ministério da Educação. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa. (Identidade: Série Língua Portuguesa).

MARTINET, André

(<sup>10</sup>1985) *Elementos de Linguística Geral* [trad. port. por Jorge Morais Barbosa de *Éléments de Linguistique Générale* (nouvelle édition remaniée et mise à jour 1980). Paris: Armand Colin, 1982]. Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora.

(1987) *Sintaxis General* (trad. cast. por Alicia Yllera y J. Fidel Corcuera Manso de *Syntaxe Générale*). Biblioteca Románica Hispánica. Madrid, Editorial Gredos.

POTTIER, Bernard

(1968) «Plano fonémico y plano morfémico en la estructura de la palabra», in *Idem, Lingüística Moderna y Filología Hispánica*. Biblioteca Románica Hispánica. Madrid, Editorial Gredos, p. 61-65.

Separata da Revista *BIBLOS*  
(2.ª Parte da MISCELÂNEA EM HONRA DA DOUTORA MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA)

Volume LXXII • 1996